



DCI 6 – O olhar para a comunicação e a deglutição na criança hospitalizada

Título: Uso de recursos alternativos e estratégias facilitadoras: promovendo a comunicação no ambiente hospitalar

PALESTRANTE: Adriana Peres

A falta de comunicação eficiente pode ser uma experiência assustadora para qualquer paciente hospitalizado, seja pediátrico ou adulto. Para as crianças a internação pode ser ainda mais traumática. Ela pode significar o afastamento de alguns familiares, dos amigos, da escola, de seus brinquedos preferidos. Além disso as crianças poderão vivenciar situações desconhecidas e, muitas vezes, dolorosas.

No ambiente hospitalar podemos encontrar um grande número de crianças em situação vulnerável de comunicação, seja por uma condição temporária relacionada a internação ou pré-existente como no caso de uma criança com paralisia cerebral ou autismo. A vulnerabilidade comunicativa pode ser definida como qualquer falha que ocorra no processo de comunicação entre paciente e seu interlocutor, levando a privação do indivíduo em participar ativamente de sua recuperação, desde a admissão até a alta hospitalar.

Fonoaudiólogos, médicos, equipe de enfermagem, terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais que trabalham diretamente no cuidado dessas crianças com dificuldade comunicativa compartilham sentimentos de frustração e impotência e necessitam utilizar e desenvolver competências de comunicação, para dar segurança a elas e promover a qualidade dos cuidados.

Durante a internação é preciso pensar nas necessidades mais imediatas de comunicação da criança para que ela possa compreender e expressar informações relacionadas a sua condição de saúde com os diversos interlocutores que a assistem, além de seus familiares. As informações precisam ser dadas de acordo com as possibilidades de compreensão da criança. O fonoaudiólogo pode orientar os profissionais e familiares a utilizarem uma linguagem “menos técnica” e se necessário com apoio de estratégias visuais como o uso de figuras, fotografias, desenhos, símbolos gráficos e até mesmo pequenas histórias. Se alguns procedimentos forem explicados desta forma, as crianças poderão compreender e aceitar melhor a situação além de colaborar com a equipe durante a rotina hospitalar.

Da mesma forma, os acompanhantes e profissionais de saúde precisam dar significado à comunicação não-verbal da criança: o uso de gestos, expressão facial, o olhar para objetos do ambiente e o aumento da frequência respiratória para, por exemplo, demonstrar alegria quando recebe algum alimento preferido ou medo ao ver uma injeção. Estas interpretações favorecem a comunicação e interação da criança.

Crianças que já possuem uma deficiência e dificuldades de comunicação podem vivenciar situações de hospitalização com maior frequência. Algumas delas já utilizam recursos de CSA, entre eles podemos encontrar: cartões e pranchas de comunicação, vocalizadores, comunicadores, tablets e notebooks.

A palestra pretende discutir o uso de recursos, técnicas e estratégias de Comunicação Suplementar e Alternativa que podem ser utilizados pelo fonoaudiólogo no ambiente hospitalar e não apenas no setor ambulatorial.